



7 • Correio Braziliense — Brasília, domingo, 13 de abril de 2025

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na sexta-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na sexta-feira	Últimos	Comercial, venda na sexta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,05% São Paulo	123.931	R\$ 5,870 (-0,47%)	R\$ 1.518	R\$ 6,658	14,15%	14,28%	Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16 Fevereiro/2025 1,31 Março/2025 0,56
1,56% Nova York	127.682	7/abril 5,910 8/abril 5,997 9/abril 5,847 10/abril 5,898					

COMÉRCIO EXTERIOR

Aumento das tensões em relação à guerra tarifária, iniciada pelos Estados Unidos, abre caminho de novas oportunidades comerciais para o país. Apex espera aumento na demanda da União Europeia por proteínas do Brasil

Novos mercados para a carne brasileira

» RAPHAEL PATI

A visita do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Japão e ao Vietnã, no mês passado, teve como um dos principais objetivos a abertura de mercado à carne brasileira nesses países. Na avaliação do governo federal, a missão foi exitosa e culminou com a decisão favorável confirmada pelo lado dos vietnamitas, apesar de uma indefinição com os japoneses.

“É uma notícia extraordinária e acho que é muito importante para o Vietnã, e é muito importante para o Brasil”, disse Lula, nas redes sociais, após o acordo com o país asiático. A missão nos dois países reforça a tentativa de atrair mais investimento com a carne brasileira no exterior, que em anos recentes passou por dificuldades em relação a doenças como a febre aftosa e a vaca louca.

Com o aumento das tensões em relação à guerra tarifária, especialistas avaliam que pode haver oportunidades para o Brasil no comércio como um todo, o que não é diferente no caso da carne. Há uma expectativa de avanço da implementação do acordo entre Mercosul e União Europeia, firmado no ano passado, mas que ainda depende da aprovação de todos os países envolvidos.

O presidente da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil), Jorge Viana, acredita que a Europa vai precisar ainda mais de uma relação com o Mercosul, para também repaginar a sua indústria. Com o tarifaço do governo do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ele acredita que o Brasil e outros países do bloco podem fortalecer os negócios da UE.

“Agora, a gente dá um foco maior ao acordo Mercosul-UE, que vai no sentido de formar um acordo econômico, um bloco, multilateralismo, a liberdade

Em alta

O Brasil segue na tentativa de expandir as exportações de carne por meio de novas aberturas comerciais. No ano passado, setor já teve recorde em volume exportado.

2,89 MILHÕES

exportações de carne bovina pelo Brasil em 2024 (recorde histórico)

26%

aumento das exportações em relação a 2023

US\$ 12,8 BILHÕES

movimentação de volume exportado em 2024

22%

aumento do valor pelo volume exportado em relação a 2023

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC)

Principais destinos da carne brasileira

1. China: **1,33 milhão** de toneladas
2. Estados Unidos: **229 mil** toneladas
3. Emirados Árabes Unidos: **132 mil** toneladas
4. Hong Kong: **116 mil** toneladas
5. Chile: **110 mil** toneladas
6. União Europeia: **82,3 mil** toneladas

157 países receberam a carne brasileira em 2024



Para o especialista, o entrave está justamente na ampliação do acesso a mercados mais exigentes e com maior valor agregado, como Japão, Coreia do Sul e União Europeia.

“Esses destinos exigem padrões sanitários mais rigorosos, incluindo status sanitário diferenciado e questões como a vacinação. Outro ponto importante é o avanço nas habilitações específicas. Por exemplo, hoje não exportamos miúdos diretamente para a China — esses produtos chegam via Hong Kong. Ampliar os acordos para incluir esses itens aumentaria o aproveitamento do animal e a rentabilidade da cadeia”, destacou Franco.

O coordenador ainda lembrou que houve uma nítida evolução na percepção internacional sobre a carne brasileira. “Ao longo das últimas décadas, o país avançou significativamente em termos de qualidade, padronização e sanidade animal. Hoje, o Brasil é visto não só como um fornecedor confiável em termos de volume e regularidade, mas também como um país capaz de atender diferentes perfis de mercado, com produtos de qualidade e em grande escala”, avaliou.

Para a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), ainda é cedo para cravar uma vantagem para o Brasil no comércio internacional de carnes com a guerra tarifária. Ao **Correio**, a entidade comunicou que ainda deve buscar entender o anúncio feito por Trump no último dia 2, antes de se pronunciar oficialmente.

Ainda assim, a associação acredita em um estreitamento da parceria entre Brasil e EUA, apesar de todo o contexto atual. “Os EUA enfrentam desafios no ciclo pecuário e, por pelo menos dois anos, precisarão de quem possa garantir volume, qualidade e preço — e esse parceiro é o Brasil”, ponderou a Abiec.



Agora, a gente dá um foco maior ao acordo Mercosul-UE, que vai no sentido de formar um acordo econômico, um bloco, multilateralismo, a liberdade para o comércio sem tarifas”

Jorge Viana, presidente da Apex

o Brasil tem capacidade de expandir ainda mais o mercado internacional de carnes, principalmente após a aprovação do Plano Nacional de Rastreabilidade Bovina, no final do ano passado. O projeto prevê que todo o rebanho nacional seja rastreável até 2033, inclusive de pequenos e médios produtores. Segundo ela, isso pode atrair ainda mais o mercado europeu, considerado mais exigente que os demais.

“O ponto da rastreabilidade é algo importante para carne

bovina, porque a tendência ao redor do mundo é seguir a precaução e saber a origem da carne que está consumindo. Isso já é tendência na Europa e, como a Europa é um núcleo de países que são formadores de opinião, em regra têm os consumidores mais exigentes do mundo, e a rastreabilidade virou uma necessidade para que a carne pudesse alcançar ainda mais mercados”, destacou a especialista.

Na visão dela, há oportunidades à vista também no mercado

muçulmano, que possui um método de corte e preparo da carne mais específicos dos que os ocidentais, com o halal, além de ser um mercado em constante expansão. “Então, nesse aspecto, o importante seria a gente fortalecer as relações comerciais, sempre focando em negociações que tragam as características do consumidor daquele país, daquela região do mundo, como é o caso do mercado muçulmano. E, em segundo plano, realmente, a gente precisa conseguir comunicar o que nós fazemos em relação à preservação ambiental e rastreabilidade bovina”, acrescentou.

Desafios

Apesar das perspectivas positivas, o aumento da presença de carne brasileira no mundo ainda deve passar por alguns desafios, como avalia João Paulo Franco, coordenador de produção animal da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).

Lula sanciona Lei da Reciprocidade

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou, sem vetos, a Lei da Reciprocidade, que estabelece critérios para que o Brasil responda a medidas unilaterais adotadas por países ou blocos econômicos que afetem a competitividade internacional do País. O projeto de lei foi aprovado na semana passada pelo Senado e Câmara, em regime de urgência, como uma resposta ao “tarifaço” do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

O texto só deve ser publicado no *Diário Oficial da União* (DOU) nesta segunda-feira. A Lei estabelece critérios para que o Poder Executivo suspenda concessões comerciais, investimentos e obrigações relativas a direitos de propriedade intelectual.

Tal suspensão deve se dar em “resposta a ações, políticas ou práticas unilaterais de país ou

bloco econômico que impactem negativamente a competitividade internacional brasileira”. A medida deve ser utilizada em caráter excepcional, quando as demais alternativas forem consideradas inadequadas.

O texto prevê ainda que as contramedidas sejam, na medida do possível, proporcionais ao impacto econômico causado pelas ações dos países ou blocos internacionais. Também serão necessárias consultas diplomáticas para mitigar ou anular os efeitos das medidas e contramedidas. Além disso, ficam estabelecidas consultas públicas para a manifestação das partes interessadas.

O presidente Lula afirmou que o Brasil irá “dar reciprocidade”. “Ou nós vamos para a Organização Mundial do Comércio (OMC) brigar, onde é o direito da gente brigar, ou a gente vai dar

reciprocidade. É o mínimo que se espera de um país, que tenha dignidade e soberania”, disse a jornalista em Tegucigalpa, Honduras, em meio à cúpula dos países da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac), na semana passada.

O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que Lula adotou a “posição mais sóbria possível” em relação às tarifas, e destacou que o Congresso aprovou a lei da reciprocidade muito rapidamente, para “sinalizar para os Estados Unidos que nós não podemos ser tratados como parceiro de segunda classe.”

O vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC), Geraldo Alckmin, por sua vez, vem dizendo que o governo não pretende usar essa legislação no momento e vai insistir no “diálogo e negociação”. (*Agência Estado*)

Evaristo Sa/AFP



Lula: “Ou nós vamos para a OMC brigar, onde é o direito da gente brigar, ou a gente vai dar reciprocidade”